

Por que falar sobre Automedicação e Uso racional de medicamentos nas Escolas?¹

Lúcia Helena Oliveira de Lemos
Francisco José Figueiredo Coelho
Célia Sousa
*GT Educação e Drogas
(GIEESAA/UFRJ/UERJ)*

As discussões acerca do consumo abusivo de drogas ainda são polêmicas. Fala-se em fiscalizar e punir o uso de cocaína, de maconha. Mas, será que os produtos ilegais também não podem ser nocivos, se usados de forma inadequada?

Para Abrahao, Godoy e Halpern (2013), no Brasil a carência de trabalhos de investigação sobre a morbidade e mortalidade associada ao uso de medicamentos e a recente implantação do Sistema Nacional de Farmacovigilância, comprometem um diagnóstico preciso da situação no país. Nesse caminho, Carneiro (2009) sinaliza que a propaganda desenfreada e massiva de determinados

medicamentos contrasta com as tímidas campanhas que tentam esclarecer os perigos da automedicação. A dificuldade e o custo de se conseguir uma opinião médica, angústia desencadeadas por sintomas ou pela possibilidade de se adquirir uma doença, informações inconsistentes na internet e, sobretudo, a escassez de programas educativos sobre os medicamentos, são alguns dos motivos que levam as pessoas a utilizarem o medicamento mais próximo.

Aquino e colaboradores (2010) ressaltam que a prática da automedicação pode culminar com efeitos indesejáveis, como o mascaramento de doenças evolutivas. O ideal é utilizar o medicamento apenas quando for imprescindível e recomendado por um profissional especializado.

Uma pesquisa publicada por Matos e colaboradores (2018), constatou o que os PCN já sinalizavam no final dos anos 90: reafirmou a vulnerabilidade dos adolescentes e a facilidade de circulação de medicamentos entre o grupo. Os jovens nessa idade se dispõem a experimentar uma gama de substâncias. A título de exemplo, faz parte desse repertório a utilização de anticoncepcionais, anorexígenos ou inibidores de apetite para

¹ Esse texto foi adaptado da parte introdutória do trabalho intitulado Automedicação, Saúde e Adolescência: uma experiência preventivo-educativa sobre drogas nas aulas de ciências naturais, publicado nos Anais do IX Encontro Regional de Ensino de Biologia, Rio de Janeiro, 2019.

EDUCAÇÃO sobre DRÓGAS

a perda de peso. Soma-se a isso o uso de anabolizantes, que são associados a um conceito de beleza e vitalidade disseminados pela mídia televisiva e outros canais sociais.

Pereira *et al.* (2007) nos trazem um dado importante sobre as crianças e os adolescentes, ao destacar que esses grupos representam um segmento fortemente predisposto ao uso irracional de medicamentos com e sem controle médico. Cabe lembrar que esse público faz parte de um grupo de grande vulnerabilidade (SINITOX, 2000). Fatores econômicos, políticos e culturais – incluindo os culturalmente estéticos - têm contribuído para o crescimento e a difusão da automedicação no Brasil e em outros países (PEREIRA *et al.*, 2007).

Complementando essa visão, Abrahao, Godoy e Halpern, (2013), ressaltam que as desinformações de muitas mães são as que mais contribuem para o consumo sem prescrição médica por crianças e adolescentes. A ausência da leitura da bula dos medicamentos (CALDEIRA, 2008) amplia esse quadro. Seja de forma terapêutica ou não, por vezes os medicamentos estão disponíveis para a criança no próprio domicílio, preocupação já destacada pelos PCN (BRASIL, 1998).

Aspectos pedagógicos sobre a Automedicação e o Uso racional de medicamentos

Parte dos medicamentos de abuso e sugestivos à automedicação são ansiolíticos, ou seja, atuam diretamente no sistema nervoso central, podendo alterar a percepção, o humor e o comportamento. Nessa lógica, os PCN resgatam a importância de se preparar o jovem para uma educação crítica e reflexiva que evite danos mais severos à sua saúde com o uso de substâncias que o jovem desconhece, debates já assinalados por Coelho (2019) ao defender uma Educação sobre Drogas mais democrática e que não centralize as discussões preventivas apenas no âmbito dos produtos ilícitos.

Debates participativos sobre diferentes drogas, incluindo-se os medicamentos, com perguntas norteadoras que estimulem o diálogo entre os estudantes podem ser um caminho pedagógico crítico e viável para fomentar a prevenção nas escolas. Segundo Coelho e Monteiro (2017), a abertura para a temática aproxima os adolescentes do tema e os tornam aptos a reflexões e decisões menos arriscadas e mais conscientes, corroborando com as perspectivas preventivas sinalizadas pelos PCN (BRASIL, 1998).

Querido cursista, será que depois de ler esse texto você consegue refletir sobre a importância do tema em suas abordagens educativas? Será que nossos estudantes e,

EDUCAÇÃO sobre DROGAS

quiza, seus responsáveis legais são esclarecidos acerca da automedicação e do uso racional de medicamentos? Que tal levar essas informações e esse debate para sua escola? Quem sabe assim não consigamos reduzir danos maiores à saúde da comunidade escolar? Avante!

Algumas referências para você conhecer mais o assunto:

ABRAHAO, R. C.; GODOY, J. A.; HALPERN, R. Automedicação e comportamento entre adolescentes em uma cidade do Rio Grande do Sul. **Aletheia**, Canoas, n. 41, p. 134-153, ago. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n41/n41a11.pdf>>. Acesso em 21 de abril de 2019.

AQUINO, D.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. da. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 2533-2538, Ago 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n5/v15n5a27.pdf>>. Acesso em 21 de abril de 2019.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

CALDEIRA, T. R.; NEVES, E. R. Z.; PERINI, E. Evolução histórica das bulas de medicamentos no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 737-743, abr. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n4/03.pdf__>. Acessos em 21 de abril de 2019.

CARNEIRO, T. M. **Uso indiscriminado de antibióticos**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro. Disponível em:

Aspectos pedagógicos sobre a Automedicação e o Uso racional de medicamentos

<<https://pt.scribd.com/document/130002647/TCC-Final-Ten-AI-Mansini>>. Acesso em 21 de abril de 2019.

COELHO, F. J. F. **Educação sobre Drogas e Formação de professores: uma proposta de ensino a distância centrada na Redução de Danos**. 245f. Tese (Doutorado) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde. Rio de Janeiro, 2019.

COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: um olhar transversal rumo à democracia. In: IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias. Rio de Janeiro, 6, 2017. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://www.seminarioredes.com.br/ixredes/adm/trabalhos/diagramados/TR311.pdf>>. Acesso em 21 de abril de 2019.

MATOS, J. F.; PENA, D. A. C.; PARREIRA, M. P.; SANTOS, T. do C. dos; VITAL, W. C. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cad. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, 26 (1): 76-83, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v26n1/1414-462X-cadsc-26-1-76.pdf>>. Acesso em 21 de abril de 2019.

PEREIRA, F. S. V. T.; BUCARETCHI, F.; STEPHAN, C.; CORDEIRO, R. Automedicação em crianças e adolescentes. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 83, n. 5, p. 453-458, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v83n5/en_v83n5a10.pdf>. Acesso em 21 de abril de 2019.

SINITOX - Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas, Centro de Informação Científica e Tecnológica, Fundação Oswaldo Cruz. Estatística anual de casos de intoxicação e envenenamento. Rio de Janeiro. Brasil 2000. Disponível em: <<https://sinitox.icict.fiocruz.br/>> Acesso em 21 de abril de 2019.